

BEM-ME-QUER...

MAL-ME-QUER

15466  
Rubem Braga

**E**NQUANTO o marechal Castelo Branco e o general Costa e Silva continuam nesse enjoado jogo para decidir quem é o amigo mais leal e ao mesmo tempo o mais urso, quem é mais civil e ao mesmo tempo tem mais força militar, — o resto do país vai bem, obrigado. A democracia desses marechais e generais continua a funcionar tranqüilamente.

No Recife, por exemplo, oficiais do Exército prenderam há dias, e mantêm recolhidos ao Regimento de Obuses, quinze dirigentes estudantis, inclusive a presidente e vários diretores da Juventude Universitária Católica. Esses rapazes e moças estão incomunicáveis, não podem ver seus advogados nem receber comida das famílias. A prisão desses estudantes é interpretada como represália do Comando do IV Exército à atitude de dom Hélder Câmara, arcebispo de Recife e Olinda, que se recusou a celebrar missa comemorativa do segundo aniversário da Revolução. Não tendo coragem de prender o arcebispo, os oficiais do Exército prendem os jovens estudantes católicos. Não percebem que esse policialismo sem freios e que torna a Revolução detestável, especialmente em uma cidade como o Recife, em que dezenas de presos políticos foram torturados de maneira ignominiosa nos quartéis do Exército.

Sabe-se que dom Hélder Câmara recusou-se a celebrar a tal missa porque foi informado de que seriam pronunciados discursos de caráter político. Ele rezaria a missa; o sermão ficaria por conta de algum militar no poder... A Igreja Católica prestou-se demasiadas vezes a essa triste função subalterna. Fez papel de Igreja do rico e do poderoso contra o pobre e o perseguido. Do senhor de engenho ou do usineiro contra o cabra do eito. Dizia palavras doces e acenava com a felicidade eterna para que os pobres se deixassem mais facilmente espoliar pelos ricos. Foi só aos poucos que se formou uma reação contra essa longa servidão que afastava o povo dos altares e minava sua crença.

Dom Hélder não é um subversivo, como não o são esses jovens agora trancados em um quartel. Sua obra a favor dos pobres, como tantas vezes testemunhamos aqui no Rio, sempre teve um sentido de cooperação de classes, de apaziguamento social. Ele mobilizava os elementos mais sensíveis da classe patronal, para acudir à aflicção dos mais necessitados. Lutar pelos direitos dos pobres, reclamar para os trabalhadores uma vida mais decente, defender a família contra a desagregação fatal da miséria, isso certamente pode não agradar a alguns magnatas sem entranhas. Mas colocar o Exército — já não apenas a brutalidade tradicional de nossas polícias políticas — a serviço dos interesses desses magnatas retardados e egoístas, isso é coisa que somente essa Revolução tornou possível.

É claro que o Exército não pode ser responsabilizado por esse desvio vergonhoso de certos oficiais. O triste, porém, é que o marechal e o general continuam em seu joguinho para ver quem é mais democrata e mais bonito — e nenhum deles tem um gesto, uma palavra para dar paradeiro a essa miséria. Em Juiz de Fora há uma trinca de homens fardados, a condenar todo mundo a penas enormes, absurdas, escandalosas. Ninguém os adverte, ninguém os detém, ninguém os remove. Não é à toa que esses chefes têm medo de eleições populares, como do Juízo Final...